

Introdução

A difusão da literatura brasileira pela editora Suhrkamp nos países de língua alemã se iniciou nos anos 1960 com uma pequena lista de nomes de autores latino-americanos, entre os quais se encontravam os seguintes autores brasileiros: Adonias Filho, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. A partir dos anos 1970, a editora cria um programa especial para a literatura latino-americana que, apesar de basear-se em uma imagem da América Latina enquanto unidade literária e cultural, posiciona-a entre os protagonistas da difusão e mediação da literatura brasileira nos países de língua alemã. Nesse programa, aparecem 19 títulos de 17 autores latino-americanos, entre eles a tradução de um título brasileiro, apresentado como revolução da literatura brasileira na Feira Internacional do Livro em Frankfurt em 1976, ano em que o tema da feira foi justamente a América Latina.

O cenário começa a se alterar nos anos 1980, uma década de grande importância para a divulgação da literatura brasileira em língua alemã. Em uma tentativa de recuperar o atraso em relação à descoberta da produção literária na América Latina, a Suhrkamp publica nessa década uma série de autores modernistas e contemporâneos do Brasil: João Ubaldo Ribeiro, Dalton Trevisan, Ignácio de Loyola Brandão, Murilo Rubião, Lygia Fagundes Telles, Antônio Torres, os ensaios de Darcy Ribeiro nas chamadas *edition suhrkamp – Neue Folge*, e os já canonizados Guimarães Rosa, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Machado de Assis, Clarice Lispector e Graciliano Ramos pela série *Bibliothek Suhrkamp*. Em 1982, é publicada a tradução de *Macunaíma* (1928) de Mário de Andrade, por um dos mais conhecidos e respeitados tradutores do português para o alemão: Curt Meyer-Clason. Nesse contexto, ocorre em Berlim o segundo festival das culturas mundiais “Horizonte (Zweites Festival der Weltkulturen)”, com foco na América Latina. No festival participaram autores consagrados e contemporâneos como Jorge Amado, Ignácio de Loyola Brandão, Ferreira Gullar, Darcy Ribeiro, João Ubaldo Ribeiro e Márcio Souza, autores que teriam suas obras publicadas pela Suhrkamp nos anos 1990. E logo em 1984, é publicado por Michi Strausfeld o volume *Brasilianische Literatur*, uma primeira tentativa de oferecer ao leitor alemão uma introdução e contextualização da produção literária brasileira da modernidade.

Exatamente uma década depois, em 1994, ocorre a primeira feira do livro em Frankfurt, na qual o país homenageado é o Brasil. Em consequência disso, o catálogo das editoras alemãs e consequentemente o da Suhrkamp é acrescido de um número de

traduções e materiais sobre a literatura brasileira.¹ No mesmo ano, o bibliógrafo Klaus Küpper, juntamente com Ray-Güde Mertin, publica uma abrangente bibliografia² da literatura brasileira traduzida para o alemão até aquele momento, apresentando pela primeira vez a dimensão do intercâmbio literário entre o campo brasileiro e o de língua alemã desde o século XIX. 1994 também é o ano de publicação da tradução de *Os Serões*, de Euclides da Cunha, por Berthold Zilly, título que encerra um primeiro ciclo de recepção pela Suhrkamp e que proporciona à literatura brasileira uma posição visível no mercado editorial alemão, que se manteve um tanto apagada nos anos 2000, mas que há quase uma década atrás voltava a interessar e movimentar o mercado, visto que em 2013 o Brasil foi pela segunda vez país homenageado da feira internacional do livro em Frankfurt.

Atualmente não é mais possível negar que este ciclo inicial se deu sobretudo por meio do interesse e dos esforços de editores e mediadores como Michi Strausfeld e Siegfried Unseld, tradutores e agentes literários, como Curt Meyer-Clason e Ray-Güde Mertin. Durante cerca de 50 anos, muito da literatura moderna e contemporânea brasileira foi publicada e difundida nos países de língua alemã devido a estes agentes. Graças a eles foi possível mediar uma parcela da particularidade da literatura feita no Brasil e, ao mesmo tempo, contar parte da história da literatura brasileira fora dos limites nacionais. Essas contribuições valem hoje como primeiro mapeamento de um território desconhecido, pois se ocupam seriamente em apresentar as particularidades culturais da produção literária brasileira aos leitores de língua alemã, evitando uma concepção totalizante e reducionista da literatura moderna na América Latina. Se a comparação entre países latino-americanos já é problemática, o campo cultural brasileiro representa um caso especial. Não apenas devido ao isolamento da língua portuguesa dentro do continente, mas também devido às características socioculturais específicas que constituem a modernidade brasileira.

Além disso, os esforços e contribuições supracitados, ao tentarem difundir as particularidades da literatura brasileira, formaram também as bases para a atual recepção dessa literatura no sistema literário de língua alemã, ao dar acesso às produções do presente e motivar novos projetos de tradução. O passo inaugural da Suhrkamp, ao apresentar o potencial do Brasil enquanto nação cultural e comprar direitos de traduções já publicadas nos anos 1960, além de despertar o interesse de outras editoras, tradutores e agentes literários, pôs a produção brasileira no âmbito de circulação da literatura mundial. Dos anos 1960 para os anos 1990 o número de títulos traduzidos para o alemão triplicou: de 24 títulos na década de 1960 para 97 títulos até o final da década de 1990. Na entrada do último milênio, no entanto este número sofreu uma estagnação. Segundo artigo publicado pela *Blickpunkt Lateinamerika*, cerca de 60 novos títulos de literatura brasileira se encontravam disponíveis em 2012 no mercado

1 Vale mencionar o trabalho editorial da Diá e TFM (Teo Ferrer de Mesquita) desde os anos 1980, publicando e divulgando literatura brasileira traduzida para o alemão, e o trabalho excelente de mediação e tradução de literatura contemporânea de Michael Kegler, Karin von Schweder-Schreiner e Marianne Gareis. Dignos de nota são também as coletâneas: Moema Parente Augel, *Schwarze Poesie. Afrobrasilianische Dichtung der Gegenwart: Portugiesisch, Deutsch = Poesia negra* (1988) e Ute Hermanns, *Nachdenken über eine Reise ohne Ende. Brasilien literarisch* (1994).

2 Vale mencionar aqui também um dos marcos da recepção da literatura latino-americana na Alemanha reunificada: Wolfgang Rössig, *Hauptwerke der lateinamerikanischen Literatur. Einzeldarstellungen und Interpretationen*. (1995).

editorial alemão.³ Para a última feira internacional do livro em Frankfurt em outubro de 2013, na qual o Brasil foi homenageado, o governo brasileiro financiou um amplo programa de tradução desde 2011 que nos dois anos seguintes editou para o alemão um número razoável de novos títulos. Segundo artigo no Feuilleton do FAZ, de 9 de outubro de 2013, no momento da feira se encontravam disponíveis 48 novas traduções em alemão (Rüb 2013, 29).

O que se passou nos bastidores da publicação e divulgação de autores brasileiros dentro do mercado editorial de língua alemã, neste caso específico, dentro do programa editorial da Suhrkamp, o que fez da literatura produzida no Brasil uma literatura em circulação e uma literatura global é o que pretendo discutir nas páginas a seguir. Para tanto, em um primeiro momento da investigação, serão analisados troca de cartas entre autores, tradutores, revisores, agentes literários e editores assim como acervos pessoais de editores, materiais de imprensa envolvendo a organização de eventos ou projetos preservados no espólio da editora Suhrkamp, no Arquivo de Literatura Alemã (Deutsches Literaturarchiv, DLA).

Considerando a imensa quantidade de documentos selecionados para análise e discutidos nas páginas a seguir, a cada início de capítulo será apresentado uma visão geral de cada discussão e seus respectivos pontos-chave e conceitos teóricos, no intuito de que o leitor interessado também possa usar este trabalho para consultas dirigidas. Ao todo, o enfoque da investigação recai sobre a atuação da editora nos anos 1970 e 1980, já que, como também comentado por Ray-Güde Mertin (2000), a virada entre essas duas décadas compreende um importante período para a literatura brasileira, no qual ela lentamente passa a ser considerada no mercado editorial em seus próprios contornos e não mais classificada apenas dentro da ampla categoria da literatura latino-americana e que, como suponho adiante, corresponde a uma mudança de dinâmica na cena literária – brasileira e alemã – que se estende até o presente.

Em grande parte, a investigação foi realizada de maneira contrastiva, na qual a difusão, recepção e tradução da literatura brasileira dentro do campo literário alemão é apresentada sempre no intuito de ser cruzada com o pano de fundo crítico da produção e divulgação no campo brasileiro. Nesse caso, procura-se revelar lacunas e novas interpretações na recepção da literatura brasileira nos países de língua alemã. Com a possibilidade de acesso às informações preservadas no espólio da editora, a investigação pretende dialogar com a política editorial e verificar em que ponto ela obedece ou não uma demanda de mercado e como essa política colabora com a difusão da literatura brasileira.

3 "Mehr brasilianische Literatur für deutschsprachige Leser", http://www.blickpunktlateinamerika.de/hintergrund/msgf/brasilien_%7C_deutschland%3A_mehr_brasilianische_literatur_fuer_deutschsprachige_leser_-_brasilien_legt_programm_zur_literaturfoerderung_auf.html [acesso em 13 de agosto de 2012]. Em 2013, a resenha de Georg Wink para o trabalho de bibliográfico de Klaus Küpper oferece uma visão geral mais cuidadosa sobre os números de edições de títulos brasileiros em alemão: "Se olharmos cronologicamente e por década a publicação destes títulos, verifica-se que o número de traduções começou a crescer, praticamente do nada, nos anos cinquenta (24 títulos) e sessenta (36 títulos), para manter o nível nos setenta (32 títulos). O número mais que duplicou nos anos oitenta (72 títulos), momento de importantes festivais de Cultura Latino-Americana na Alemanha, como o "Horizonte '82" em Berlim, considerado um marco para a recepção. Este número cresceu ainda mais na década seguinte (97 títulos) por ocasião da Feira do Livro de Frankfurt que em 1994 pela primeira vez homenageou a Literatura Brasileira. Como é sabido, depois da festança vem a ressaca, e no novo milênio o número de novas traduções caiu significativamente (63 títulos, entre esses 14 livros só da autoria de Paulo Coelho e quatro romances policiais de Luiz Alfredo Garcia-Roza)" (Wink 2013, 134-139).

tura e cultura brasileira. Nesse ponto, pergunta-se até que ponto essa intermediação cede espaço apenas a textos que, em razão de sua representação do exótico, do tropical ou do fantástico (no sentido da literatura fantástica hispano-americana), serão mais digeríveis ao consumidor, e como ela se autorregula e negocia a recepção dessa literatura em seu campo.

Vale salientar que ao longo da investigação pretende-se ceder espaço ao papel do editor, tradutor, revisor, crítico e do agente literário enquanto instâncias e protagonistas no processo de recepção. Os documentos pessoais de Michi Strausfeld, Siegfried Unseld e Curt Meyer-Clason, por exemplo, serão explorados, com o intuito de discutir a atuação deles no campo, e lidos, mesmo que não pensados para o público, como material crítico, isto é, como a manifestação crítica de agentes decisivos no campo. Além disso, eventos literários como a Feira do Livro de Frankfurt de 1976, a de 1994 e a de 2013 serão considerados enquanto espaços determinantes para a encenação da literatura no mercado editorial.

Mais do que consequência ou resultado desta encenação, a preparação das feiras causa um movimento visível na recepção e nos programas editoriais. No ano da feira de 2013, aumentaram não somente os títulos de literatura brasileira traduzidos para o alemão, como avolumaram-se antologias e estudos de lusitanistas, brasilianistas e latino-americanistas sobre a literatura produzida no Brasil.⁴ Até o final dos anos 1990, as obras de referência sobre a literatura brasileira em língua alemã reduziam-se menos à universidade do que, como veremos a seguir, ao impulso e produção editorial, engajados na apresentação e circulação de produtos literários. A partir dos anos 2000, este cenário se altera. Claudius Armbruster, comenta no artigo “Brasilianistik in Deutschland”, publicado em 2010, em *Deutsch-brasilianische Kulturbeziehungen*, organizado por Wolfgang Bader, que a pesquisa e o ensino de literatura brasileira ganham espaço significativo nos departamentos de romanística somente nos anos 1980, depois disso eles seguem encastelados como consequência do *cultural turn* e dos *area studies* dentro dos departamentos de estudo latino-americanos, onde até hoje encontraram seu ambiente mais produtivo.⁵ O interesse tardio da academia alemã, relacionado com a formação dos departamentos de romanística e suas subáreas, assim o estabelecimento dos institutos de estudos latino-americanos⁶ talvez justifique o fato de que, no caso de disserta-

4 Em 2013, por exemplo, a já mencionada bibliografia de Küpper de 1994 é ampliada e reeditada. Como é possível ver na bibliografia ao fim do presente estudo, além do número razoável de estudos e publicações acadêmicas sobre a literatura do Brasil em geral, deste ano é também o volume organizado por Susanne Klengel, Christiane Quandt, Peter W. Schulze e Georg Wink sobre a literatura contemporânea brasileira, *Novas Vozes, Zur brasilianischen Literatur im 21. Jahrhundert*, no qual encontram-se investigações sobre autores como Bernardo Carvalho, André Sant'Anna, Luiz Ruffato, Paulo Lins, Santiago Nazarian, Carola Saavedra, Chico Buarque, Lourenço Mutarelli etc.

5 Sobre a história dos estudos brasileiros na Alemanha, recomendo os levantamentos de Armbruster em Wolfgang Bader, *Deutsch-brasilianische Kulturbeziehungen* (2010) e o de Briesemeister, “Die Rezeption brasilianischer Literatur im deutschen Sprachraum (1964-1988)” (2000).

6 A institucionalização da área é sem dúvida decisiva para os estudos, como aponta Briesemeister (2000). O início da fundação da maior parte dos institutos com foco nos estudos ibero-americanos é da década de 1930 e está relacionada com a tomada do poder pelo nacional-socialismo. Em 1936, foi fundado o primeiro instituto para estudos brasileiros e portugueses na Alemanha, Institut für Portugal und Brasilien, na então Universität Berlin, relacionado principalmente a objetivos propagandísticos e enquanto cabeça-de-ponte ideológica. Antes da Segunda Guerra Mundial são também os institutos Ibero-Amerikanisches Forschungsinstitut da Universidade de Hamburgo, Ibero-Amerikanisches Insti-

ções e teses, os estudos de referência sobre a literatura do Brasil na Alemanha, iniciam-se em meados dos anos 1980, mas ganham forma somente nos anos 1990. O volume de artigos, *Brasilianische Literatur der Zeit der Militärherrschaft* (1992), organizado por Briesemeister, Helmut Feldmann e Silviano Santiago, e publicado na série Bibliotheca Ibero-Americana, fundada em 1959, pelo Instituto Ibero-americano de Berlim, consta, mesmo que tardiamente, como uma das primeiras publicações acadêmicas de visibilidade e peso na história da recepção da literatura brasileira em alemão. Briesemeister dá continuidade à divulgação dos estudos brasileiros na Alemanha e, a partir de 1996, com a fundação da Biblioteca Luso-brasileira, também do Instituto Ibero-americano de Berlim – cujo primeiro número, organizado juntamente com Sergio Paulo Rouanet é dedicado ao Brasil, *O Brasil no limiar do século XXI* – fica clara a importância dos estudos brasileiros para a série editorial.⁷ Antes da fundação da Biblioteca, tais estudos eram compostos por artigos dispersos em volumes de ensaios e em revistas acadêmicas dedicadas à América Latina em geral⁸ ou aos estudos lusófonos como a revista *Lateinamerika Studien*, fundada em 1976 em Munique, na qual Briesemeister publica em 1983 um dos primeiros levantamentos sobre a recepção da literatura brasileira em língua alemã, “Die Rezeption der brasilianischen Literatur in den deutschsprachigen Ländern”,⁹ e a revista *Lusorama*, fundada por Axel Schönberger, em 1985.

A revista *Lusorama* e seu suplemento para monografias e volumes de ensaio, *Beiheft zur Lusorama*, serve hoje como reflexo dos estudos brasileiros nos países de língua alemã, dos anos 1990 até a atualidade.¹⁰ Exemplos são os dois volumes *Studien zur brasilianischen Literatur*, publicados respectivamente em 1993 e 2001, o primeiro organizado, em razão do colóquio de lusitanistas e catalonistas de 10 a 12 de setembro de 1992, em Berlim, por Schönberger e Güde-Mertin e o segundo por Schönberger e Erhard Engler.¹¹

tut Preußischer Kulturbesitz (1930) e o Portugal- und Brasilienzentrum na Universidade de Colônia, fundado pelo romanista Leo Spitzer em 1932. Em 1970, é fundado o Lateinamerika-Institut na Universidade Livre de Berlim, onde, em 1997, é criada uma cadeira para a área de cultura e literatura brasileira. Sobre a relação entre a fundação destes institutos e o terceiro Reich: Bräutigam (1997) e Liehr, Maihold e Vollmer (2003).

7 Briesemeister organiza volumes com artigos sobre a literatura brasileira, ora com Rouanet, ora com Schönberger, até 1999. cf. bibliografia sobre os estudos brasileiros em língua alemã ao final do presente estudo.

8 Exceções são, ainda em 1983, a edição de número 33 da revista *Zeitschrift für Kulturaustausch*, organizada pelo crítico Günter W. Lorenz sob o título “Mythen – Märchen – Moritaten. Orale und traditionelle Literatur in Brasilien” (1983), na qual, juntamente com o tradutor e mediador Carl Heupel, Abelardo Monteiro Pessoa e o linguista brasileiro Luís da Câmara Cascudo, apresenta um conjunto de mitos, lendas e o folclore da cultura indígena e afro-brasileira. E outra exceção é a monografia do romanista Heinz Willi Wittschier *Brasilien und sein Roman im 20. Jahrhundert*, publicada em 1984 na série Romanistik da editora Schäuble – série na qual Wittschier era organizador como professor do Ibero-Amerikanisches Forschungsinstitut da Universidade de Hamburgo – e cuja proposta é desenhar por categorias como selva, campo e cidade, o drama socioeconômico presente no desenvolvimento do romance brasileiro durante o século XX.

9 Partes deste estudo são aproveitados e republicados em “Die Rezeption brasilianischer Literatur im deutschen Sprachraum” (1964-1988), publicado em 1992, e em “Die Brasilienstudien in Deutschland”, publicado em 2000.

10 Até hoje a série é publicada pela editora de Schönberger, Domus Editorae Europea, frequentemente em parceria com a editora de Teo Ferrer de Mesquita, TFM, em Frankfurt, atualmente uma das principais editoras de mediação da literatura e cultura brasileira na Alemanha.

11 Vale ressaltar que a editora da revista alemã *edition Text + Kritik* publica em 1992 o estudo de Engler sobre Jorge Amado, *Jorge Amado: Der Magier aus Bahia*.

Nestes dois volumes, encontram-se os principais estudiosos da literatura brasileira até os anos 2000 assim como a nova geração de pesquisadores da atualidade, entre eles Gerd Hilger, cujo doutorado em Hamburgo sobre o teatro de Jorge Andrade foi publicado em 2001, Marga Graf, cujo doutorado em Aachen sobre Gonçalves Dias foi publicado em 1984 pela Reihe Romanistik, da editora Schäuble, e Marcel Vejmelka, cujos estudos sobre Jorge Amado¹² tornam-se referência nos estudos brasileiros na Alemanha.

Também da virada do século é o volume paradigmático para os estudos brasileiros na Alemanha, *Brasilien, Land der Vergangenheit?*, organizado por Ligia Chiappini e Berthold Zilly, e publicado no ano 2000 dentro da Biblioteca Luso-Brasileira. Orientados pelo diálogo implícito entre um suposto título em que trabalhava Darcy Ribeiro antes de sua morte e o título do livro de Stefan Zweig, *Brasilien: Ein Land der Zukunft* (1941), *scholars* europeus e brasileiros debruçam-se sobre o trabalho de Antônio Callado, João Antônio, Darcy Ribeiro, Paulo Francis, Paulo Freire e Herbert de Souza (“Betinho”). Como último capítulo do volume, Briesemeister (2000) faz mais um levantamento detalhado da recepção da literatura brasileira e dos estudos brasileiros nos países de língua alemã, cujo balanço aponta o atraso das instituições acadêmicas e de seus agentes se comparadas com as iniciativas editoriais e a atividade autônoma de tradutores, críticos, jornalistas e agentes literários, após a profissionalização da área. Compondo, no entanto, o quadro positivo das iniciativas mediadores fora da universidade, o autor relembra 1) os dois congressos de escritores em Berlim, em 1962 e 1964, no qual, sob o tema “o escritor na sociedade moderna” (“Der Schriftsteller in der modernen Gesellschaft”), autores latino-americanos se encontraram para debater com autores alemães, conferindo maior visibilidade à literatura do subcontinente;¹³ 2) a feira do livro em Frankfurt de 1976, cuja temática foi a literatura latino-americana; 3) o festival das culturas do mundo, “Horizonte. Festival der Weltkulturen”, realizado na Berlim Ocidental em 1982, na qual, como já mencionado, além de músicos e companhias de teatro, participaram escritores brasileiros como Jorge Amado, Ignácio de Loyola Brandão, Ferreira Gullar, Darcy Ribeiro, João Ubaldo Ribeiro e Márcio Souza; 4) as nomeações dos prêmios Goethe para escritores como Antônio Callado, Autran Dourado e Rubem Fonseca e 5) as bolsas a artistas residentes concedidas pelo Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (Deutscher Akademischer Austauschdienst, DAAD).

Além deste esforço de Briesemeister, não há estudos abrangentes em relação a este fenômeno editorial e não acadêmico na recepção da literatura brasileira. Apesar do grande empreendimento bibliográfico de Klaus Küpper, mesmo um sobrevoo sobre as teses, dissertações e monografias sobre literatura brasileira publicadas até agora não foi até então de interesse de nenhum outro pesquisador. Uma vez feito este sobrevoo, é possível notar que após a virada do milênio, o número de estudos cresce relativamente, mas mantém um perfil pouco variado de pesquisa. Tratam-se, em sua maioria, de estudos com foco na recepção ou na interpretação de um autor ou uma obra, não de um fenômeno ou de uma característica literária que percorre um conjunto distinto de autores e obras, e de estudos sobre autores e obras já estabelecidos no panteão do campo

12 *Das Werk Jorge Amados in den deutschen Übersetzungen in der DDR und der BRD – ein Vergleich der Rezeption und der Übersetzungen* (2000) e *Kreuzwege. Querungen: João Guimarães Rosas “Grande Sertão: veredas” und Thomas Manns “Doktor Faustus” im interkulturellen Vergleich* (2005).

13 Em recente artigo com Susanne Klengel pude refletir um pouco mais sobre estes dois encontros de escritores latino-americanos e alemães na RFA (Klengel e Pompeu 2021).

literário brasileiro, como João Ubaldo Ribeiro e Ignácio de Loyola Brandão,¹⁴ tema de no mínimo três *Magisterarbeiten* em Berlim. Em resumo, com exceção da abordagem comparativa da obra de Clarice Lispector¹⁵ e de uma única tese sobre João Ubaldo Ribeiro,¹⁶ quase todos os estudos sobre a literatura brasileira realizados nos países de língua alemã até o momento podem ser resumidos em uma lista, a não se perder de vista, de investigações produzidas segundo um limite que respeita os limites de uma subárea, isto é, que, mesmo sendo muitas vezes realizadas em institutos latino-americanos com enfoque nos estudos culturais, permanecem dentro de suas fronteiras departamentais.¹⁷

Dentro deste quadro, como mencionado, não há qualquer estudo amplo sobre a recepção geral da literatura do Brasil em países de língua alemã, muito menos sobre o papel decisivo exercido pelas editoras, revistas, premiações, feiras e eventos literários no espaço cedido para a literatura brasileira no campo literário alemão. Embora os dois países se encontrem há décadas em intercâmbio cultural e econômico constante, essa lacuna pode estar relacionada com diferentes fatores e razões em cada país e respectivamente em cada campo intelectual. Entre eles a dificuldade pelo qual a literatura brasileira na Alemanha em raros momentos é reconhecida em sua autonomia (como a inglesa, francesa ou a espanhola), sendo que a maior parte dos estudos sobre o tema foram realizados no Brasil, como comentado pela brasilianista Ligia Chiappini.¹⁸ Mesmo neste caso, os poucos estudos mencionados acima ou mesmo os estudos sobre recepção desenvolvidos a partir do Brasil – como é o caso dos estudos imagológicos de Celeste Ribeiro de Souza¹⁹ e dos membros do centro de estudos RELLIBRA (Relações Linguísticas e Literárias Brasil – Países de Língua Alemã), partem, geralmente, ou dos mesmos escopos teóricos, ou são orientados para a análise comparativa da tradução, isto é, se ocupam, respectivamente, com as formas que uma imagem da cultura brasileira aporta ou é traduzida no exterior, sem que esta obra seja relacionada e discutida com o conjunto da produção literária, crítica e intelectual do campo em que ela é recepcionada. Em última instância, essas tentativas pouco irritam ou provocam o cam-

14 Cf. lista bibliográfica de estudos brasileiros em alemão ao fim deste estudo.

15 Vale mencionar aqui os estudos: Heike Schmitz, *Von Sturm und Geisteswut: mystische Spuren und das Kleid der Kunst bei Ingeborg Bachmann und Clarice Lispector* (1998); Irmgard Scharold, *Epiphanie, Tierbild, Metamorphose, Passion und Eucharistie: zur Kodierung des "Anderen" in den Werken von Robert Musil, Clarice Lispector und J. M. G. Le Clézio* (2000); Kathrin Reschka, *Zwischen Stille und Stimme: zur Figur der Schweigsamen bei Madeleine Bourdouxhe, Marguerite Yourcenar, Marguerite Duras, Clarice Lispector, Emmanuèle Bernheim und in den Verfilmungen der Romane* (2012).

16 Steven Uhly, *Multipersonalität als Poetik. Umberto Eco: Il Nome della Rosa, João Ubaldo Ribeiro: Viva o povo brasileiro, José Saramago: O Evangelho segundo Jesus Cristo* (2000).

17 Para entender melhor o lugar e a história institucional dos estudos brasileiros na Alemanha é preciso considerar a diferença entre o desenvolvimento da Romanística e da Hispanística, área de onde derivou a Lusitanística e posteriormente os estudos latino-americanos (*Lateinamerikanistik*) e os brasileiros (*Brasilianistik*).

18 Para Chiappini, esta dificuldade está relacionada com o fato de que na Alemanha (e talvez em toda a Europa) os estudos em brasilianística são compreendidos como parte dos estudos sobre a América Latina ou da Romanística e permanecem em uma determinada dependência dessas áreas (Chiappini 2009).

19 Por exemplo: Celeste Ribeiro de Sousa, "Literatura brasileira em tradução alemã" (1985).

po tradicional das pesquisas comparadas e filológicas tradicionais em língua alemã,²⁰ pois se limitam a uma dimensão sincrônica de comparação, pressupõem uma posição do observador fora do campo onde o objeto se encontra, ou seja, o objeto é observado somente do Brasil e não da Alemanha,²¹ e estão presos a um conceito de nação, que perniciosamente acabou infiltrando-se até mesmo nos estudos culturais.²²

Justamente a partir desta lacuna e de seus problemas subsequentes é que parte o presente estudo. O que busco apresentar nas páginas adiantes não é somente um estudo amplo de recepção, inédito até o momento. Também fizeram parte de meus esforços de pesquisa a proposta de uma abordagem diferenciada e a exibição de um material de análise marcado, senão por uma descoberta, por uma revelação. Cerca de 50 anos de intermediação da literatura brasileira na Alemanha encontram-se dispostos à discussão e investigação científica por meio do espólio da editora Suhrkamp, adquirido e preservado no Arquivo de Literatura Alemã (DLA), em Marbach am Neckar, desde 2009. Parcialmente catalogado e disponível à pesquisa desde 2010, o acervo nomeado por Arquivo Siegfried Unseld (Siegfried Unseld Archiv, SUA) corresponde atualmente a mais de 20 mil pastas contendo manuscritos e a mais de 25 mil livros de quatro acervos complementares: o acervo da famosa editora Suhrkamp desde o ano de sua fundação em 1950, o acervo da editora Insel, fundada em 1901 e incorporada à Suhrkamp em 1963, e os arquivos pessoais dos editores Peter Suhrkamp, fundador e editor-chefe da editora, e Siegfried Unseld, editor da Suhrkamp de 1952 até o ano de sua morte, em outubro de 2002.

Trata-se, sem dúvida, de um material sem precedentes e de imensa importância e extensão²³ com respeito à produção literária do século XX no ocidente, assim como com respeito à sua divulgação e manufatura nos bastidores do *grand récit* da história literária. O arquivo SUA abrange todo o material disponibilizado pela editora e pelas subeditoras incorporadas e criadas por ela até o ano de 2012, cobrindo um espaço de tempo de mais de cem anos.²⁴ Nele se encontram cartas e manuscritos de autores eu-

20 O trabalho de Susanne Zepp, publicado em 2014, *Portugiesisch-Brasilianische Literaturwissenschaft. Eine Einführung* é a meu ver uma contribuição que vai de encontro a este problema. O esforço de Zepp com a sua introdução é a de aproximar os estudos brasileiros e lusitanos, até então encastelados em seus departamentos e áreas específicas, à discussão filológica estabelecida nos países de língua alemã pelos estudos vernáculos. Falta, no entanto, nesta aproximação ao fenômeno literário no Brasil, uma inclusão das contribuições de pensadores e críticos brasileiros e latino-americanos.

21 Ressalto como exceções dois trabalhos: Marcel Veljmelka, *Kreuzwege: Querungen: João Guimarães Rosas "Grande Sertão: veredas" und Thomas Manns "Doktor Faustus" im interkulturellen Vergleich* (2005) e Stefan Kutzenberger, *Europa in Grande Sertão: Veredas – Grande Sertão: Veredas in Europa* (2005).

22 Refiro-me aqui a insistência em delimitar literaturas nacionais mesmo na discussão feita a partir de uma perspectiva pós-colonial como no caso do escopo teórico e metodológico de muitos estudos dentro dos denominados *area studies*. Encontro na crítica feita por Emily Apter (2013) aos estudos comparados e filológicos a sobre literatura mundial e literaturas do mundo, por exemplo, o respaldo para minha crítica.

23 Em tamanho físico, 9.300 caixas, este legado ocupa hoje um terço de todo o DLA.

24 Além do arquivo da editora Suhrkamp, do arquivo pessoal de Siegfried Unseld e de Peter Suhrkamp, com documentos a partir de 1930, o SUA contém o arquivo da editora Insel e Nomos, incorporadas por Unseld em 1963 e da Jüdischer Verlag, criada em 1990. Somente o arquivo da Insel Verlag remontam aos anos de fundação da editora por volta de 1900.

ropeus consagrados,²⁵ documentos diretamente relacionados com os maiores representantes do *boom* hispano-americano na Europa,²⁶ assim como manuscritos, cartas e pareceres relacionados a um número significativo de autores brasileiros, com os quais se ocupa a presente investigação. Com este espólio, é possível reconstruir, em detalhes, não somente uma história da editora e dos seus agentes, como também parcela significativa da história intelectual alemã, que no processo de recepção, leu, interpretou e transpôs a literatura escrita em outras partes do globo para o centro do debate sobre o cânone literário ocidental. Além disso, por meio deste material é possível entender a incorporação da produção literária latino-americana e reescrever parte de uma história além de suas fronteiras, unindo as duas pontas de sua viagem através do atlântico e, por fim, provocando as arestas da história literária no ocidente. Uma história da literatura contada pela história de editoras, seus editores, agentes e tradutores.

Em 2010, Jan Bürger, diretor do departamento arquivístico no DLA, responsável pela aquisição e administração do SUA, ressaltou algumas particularidades deste acervo. Segundo ele, impressiona, em primeiro lugar, a própria consciência do próprio Unseld em relação à importância e à constituição de um arquivo para a editora através da minuciosa organização, feita pelos funcionários do editor, de troca de cartas com autores, anotações, cópias de contratos, protocolos de reuniões, conversas e telefonemas e relatórios de viagem assim como um número impressionante de manuscritos de obras literárias ou mesmo provas de tradução, como procura apontar Bürger no caso das anotações que circundam o encontro de Unseld com Octavio Paz, em 1979, em Paris.²⁷ Além disso, até mesmo declarações do próprio editor presentes no acervo confirmam a sua política de arquivo. Como revela uma carta de 13 de julho de 1960 a Hans Magnus Enzensberger com respeito à produção de seu segundo livro, o próprio Unseld demonstrou estar consciente do capital simbólico de sua empresa para o campo literário e para a história da literatura futura.²⁸ Complementarmente a toda esta organização, Unseld manteve uma espécie de diário de edição, nomeados de crônicas (“Chronik”) do editor, de 1970 até o ano de sua morte em 2002. Nelas foram registrados eventos e decisões importantes para o editor, assim como encontros decisivos com autores, que atualmente podem ser lidas nos dois volumes publicados das crônicas, referentes somente a dois anos, 1970 e 1971 (Unseld e Anders 2010; Unseld 2011). Vale lembrar aqui que as crônicas de Unseld antes de valerem como registro histórico confiável, correspondem a uma metanarrativa do editor, no qual ele se determina como

25 Autores como Franz Kafka, Theodor W. Adorno, Bertolt Brecht, Paul Celan e Hermann Hesse, como também de nomes como Samuel Beckett, T. S. Eliot, Jean-Paul Sartre, André Gide, Ernest Hemingway, Paul Valéry, James Joyce etc.

26 Como Vargas Llosa, Cortázar, Borges, García Márquez e Fuentes, por exemplo.

27 “Die Aufzeichnungen über seine erste Begegnung mit Octavio Paz führen exemplarisch vor, wie sorgfältig er bei seiner täglichen Arbeit nicht nur an die von dem verehrten Dichter favorisierte Gegenwart dachte, sondern auch an die Nachwelt. Alle Briefe der Verlagsleitung wurden aufgehoben und systematisch von Unselds Mitarbeiterinnen (allen voran die legendäre Burgel Zeeh) abgelegt, ebenso wie die Notizen und Protokolle. Jede Reise wurde in Berichten dokumentiert, die mitunter hinreißende Charakterisierungen von Autoren und Persönlichkeiten des öffentlichen Lebens enthalten” (Bürger 2010, 17).

28 “Für die geschäftsmäßige Ordnung des Verlages, die ja gegenwärtig kontrolliert wird, für unsere Akten, aber auch für die Geschichte brauchen wir ein Dokument, das festhält: die ‘Landsprache’ ist erschienen” (Siegfried Unseld a Hans Magnus Enzensberger, 13 de julho de 1960, DLA, SUA:Suhrkamp). Para mais a respeito da consciência de arquivo da editora Suhrkamp c.F. Amslinger et al. 2015 e 2018.

agente central do sucesso de sua empresa, oferecendo ao leitor assim a sua versão dos fatos, como o próprio editor revela em crônica de 1976, ao refletir sobre a importância da escrita das crônicas para a história da editora:

Indem ich diese Chronik schreibe, beurteile, bewerte ich das unmittelbar Vergangene, durch Auswahl oder durch meine Sicht. Ich halte das in der Chronik Geschriebene für die Geschichte des Verlages fest, damit der Hintergrund der Vorgänge nicht verloren gehe. Aber je länger ich diese Chronik des Vergangenen schreibe, je intensiver sie gedacht und belegt ist, desto wichtiger wird sie mir für die Gegenwart, nein, nicht nur für die Gegenwart, sondern für die Bestimmung des Morgens, für das, was ich morgen und übermorgen machen, beurteilen und entscheiden muß. Nichts ist für mich so mächtig wie die Macht des Geschriebenen.²⁹

Como ressaltou o diretor do Arquivo Alemão de Literatura em Marbach (DLA), Ulrich Raulff, Unseld começou ainda em vida e oportunamente a historicizar a si próprio, assim como o fizeram Goethe e Victor Hugo (Raulff 2002), e este empenho na criação de um mito estabeleceu um espaço único para a editora no mercado de livros. Mais do que um documento histórico, estas crônicas são também uma obra histórica e literária, cuja inerente estrutura valorativa, mítica e memorial exige uma aproximação crítico-analítica que a confronte com a política de arquivo de Unseld.

Convencido pela extensão, organização e minúcias do arquivo, Bürger ressaltava ainda a suposta completude do SUA, no qual, segundo ele, sobram poucas lacunas. Segundo Bürger, os documentos das diferentes redações da editora (*Lektorate*) estão (ainda que em regra menos sistematizadas que as outras categorias) integralmente disponíveis: dossiês da produção, do departamento de licenças, da propaganda, da imprensa, da contabilidade e um conjunto de aproximadamente 2600 pastas de uma coleção de resenhas sobre todas as publicações da editora. Todo este material, segundo Bürger, é capaz de reconstruir com detalhe o funcionamento da editora.³⁰

De fato, uma vez em contato com o arquivo SUA, o pesquisador se dá conta e ao mesmo tempo se perde em sua extensão e conteúdo. Muitas vezes, no entanto, para o pesquisador e para a presente pesquisa, o material não se mostrou, como Bürger o apresenta, tão completo ou de fácil acesso. A primeira fase de organização e catalogação do arquivo SUA feita pelos arquivistas e pesquisadores de Marbach começou em 2011 e terminou somente em 2017 e se ocupou principalmente com a correspondência entre a direção da editora e os seus autores assim como a correspondência geral dos anos 1960 até o ano 2002 com autores publicados e não publicados pela editora. Obviamente nem toda troca de carta com os tradutores foi arquivada e, devido ao caráter descentralizado de fontes como arquivos, algumas vezes é preciso recorrer a acervos complementares para poder reconstruir as decisões ou o contexto de produção de um livro. Neste caso, como será possível verificar adiante, extremamente útil e significativo para este trabalho foi o espólio do tradutor Curt Meyer-Clason, preservado no Instituto Ibero-Americano (Ibero-Amerikanisches Institut, IAI), em Berlim, que no

29 Unseld, Siegfried: Chronik, 15 de agosto de 1976, DLA, SUA:Suhrkamp.

30 “Von der ersten Kontaktaufnahme mit den Autoren bis hin zum Vertrieb der fertigen Bücher ist die gesamte Verlagstätigkeit dokumentiert. Nahezu jede verlagsinterne Entscheidung ist rekonstruierbar” (Bürger 2010, 17).

momento da atual pesquisa encontrava-se sem qualquer previsão para catalogação,³¹ mas cujo acesso foi gentilmente cedido ao pesquisador pelo diretor da biblioteca do IAI, Peter Altekrüger, pelo diretor do departamento de coleções Dr. Gregor Wolff e pela responsável pela fototeca do instituto, a Sra. Gudrun Schumacher.

Concretamente, o que se encontra como parte do material referente ao programa para a literatura latino-americana da Suhrkamp compreende cerca de 60 caixas do arquivo SUA e duas caixas do acervo Meyer-Clason. Elas contêm projetos, material de imprensa, cartas, acordos e contratos entre revisores, críticos, editores, acadêmicos, tradutores e autores assim como artigos de crítica, resumos e ensaios sobre as obras a serem traduzidas. Até o momento não existe qualquer investigação abrangente e sistemática sobre a participação da literatura brasileira no programa América Latina da Suhrkamp,³² vigente desde os anos 1960 e que se desenvolveu até os anos 2000. Ou ainda sobre como a cultura e literatura brasileira foi representada pela editora e como, por um lado, os tradutores, revisores e editores alemães mediarão a literatura brasileira e, por outro lado, como o governo do Brasil projetou e fomentou através do Ministério da Cultura e de seus programas de difusão cultural no exterior sua própria literatura fora do país.

Desde 2012, em cooperação com a editora Suhrkamp, a fundação Volkswagenstiftung e com diversas universidades alemãs, foi criado um grupo de pesquisa no próprio Arquivo de Literatura Alemã em Marbach, no qual sete doutorandos desenvolveram seus estudos com diferentes focos de investigação sobre o papel e a atuação da editora.³³ Entre estes estudos, há que mencionar o de Katharina Einert, *Die Übersetzung eines Kontinents. Die lateinamerikanischen Literaturen und die deutschen Verlage der BRD*

31 Sobre um primeiro levantamento do espólio e de sua abordagem em minha pesquisa de pós-doutorado, tratei na conferência *Genealogia e transitividade do tradutor do sertão – o caso Curt-Meyer Clason*, realizado no âmbito do Simpósio “Guimarães Rosa e Meyer-Clason – Literatura, Democracia, Saber-conviver”, por ocasião dos 50 anos de falecimento do escritor brasileiro, de 16 a 18 de novembro de 2017, no Instituto Ibero-Americano.

32 Gesine Müller apresentou o potencial do arquivo pela primeira vez em 2012 em Guadalajara, México, em uma palestra da Associação Latino-Americana de Estudos Germanísticos (ALEG) com o título *Konstruktionen von Welt-Literaturen und Verlagspolitiken: Der Lateinamerika-Nachlass des Suhrkamp-Verlags*. No entanto, seu enfoque foi a recepção de autores denominados latino-americanos, entre os quais não figuram distinções para a literatura brasileira. O mesmo ocorre com a tese de *Die Übersetzung eines Kontinents: die Anfänge des Lateinamerikas-Programms im Suhrkamp Verlag*, publicada em 2018 por Katharina Einert. Com um enfoque e abordagem de arquivo, no entanto, muito próximo da presente tese é o artigo “Brasilianische Literatur in Deutschland – Materialien zu ihrer Publikationsgeschichte und Rezeption: Eine Spurensuche mithilfe von Archivalien aus dem Lateinamerikabestand des Siegfried-Unseld-Archivs”, de Sonja Arnold, publicado em 2016 nos anais *Jahrbuch der Deutschen Schillergesellschaft*, n. 60. Arnold apresenta em seu artigo um breve, acessível e certo panorama da recepção da literatura brasileira pela Suhrkamp ao leitor alemão, analisando os critérios envolvidos na seleção pela editora das obras e autores brasileiros publicados nos anos 1970 e 1980, através da recepção, tradução e publicação de três autores-chave: Mário de Andrade, João Ubaldo Ribeiro e Ignacio Loyola Brandão.

33 Com exceção dos livros publicados – Marja-Christine Sprengel, *Der Autor und sein Lektor. Vergleichende Fallstudien zum Suhrkamp Verlag* (2016); Tobias Amslinger, *Verlagsautorschaft. Hans Magnus Enzensberger und Suhrkamp* (2018) e Claudia Michalski, *Die edition suhrkamp 1963-1980 Geschichte, Texte und Kontexte* (2021) – os estudos de Anke Katharina Jaspers, *Suhrkamp und DDR. Verlagspraxis im geteilten Deutschland*; Morten Paul, “[...] daß das große Opus verdächtig ist”. *Die Vermitteltheit der Theorie* (1966-1985); e Charlotte Weyrauch, *Der Suhrkamp Theaterverlag in den 1960er und 1970er Jahren* e, iniciados em 2012 estão próximos da publicação.

in den 1960er und 1970er Jahren, único estudo que se ocupa diretamente com a recepção da literatura latino-americana dentro do programa da Suhrkamp. Concomitante ao artigo de Gesine Müller, “¿Literatura mundial o literaturas del mundo? Un estudio del caso de las letras latino-americanas en la editorial Suhrkamp”, Katharina Einert publicou em 2015 o artigo *América Latina y la literatura mundial. “17 autores escriben la novela del continente latinoamericano” o: La doble ficcionalización de América Latina y sus literaturas*,³⁴ sobre a literatura latino-americana dentro do programa Suhrkamp. Porém ambas as propostas de investigação são feitas com pouca consideração à presença notável da literatura brasileira e, por conseguinte, marcadas pela sustentação de uma unidade continental da literatura latino-americana, a saber, a hispânica. Além destas contribuições e de investigações historiográficas sobre o campo editorial alemão em geral³⁵ e do livro do ex-redator da editora Walter Boehlich, *Chronik der Lektoren: von Suhrkamp zum Verlag der Autoren* (2011), todos os estudos referentes diretamente à Suhrkamp são edições e publicações da própria editora sobre a sua própria história e posição no campo.

Na presente investigação, parto de uma hipótese central sobre a recepção da literatura brasileira pela editora Suhrkamp, a saber, de que a literatura brasileira tem uma presença decisiva no programa latino-americano da editora, justamente devido a problemas de traduzibilidade que a diferencia dos demais produtos literários hispano-americanos através de uma recepção “ilhada”. A hipótese se baseia principalmente na análise da seleção dos títulos publicados para a editora, acreditando que 1) ela possibilitaria delinear os contornos ou margem desta ilha e 2) que ela poderia ser estendida a toda a recepção na Alemanha Ocidental, uma vez apresentado e compreendido o papel e influências da editora Suhrkamp no campo literário de língua alemã. Por mais surpreendente que ela possa soar inicialmente, seguindo esta hipótese a investigação tem como objetivo principal o desdobramento de um capítulo ainda desconhecido da literatura brasileira fora do Brasil. Esse capítulo, a ser escrito por meio do espólio da editora Suhrkamp, não deve ser observado isoladamente. Ele precisa ser cruzado com a história já escrita no Brasil, no intuito de problematizar e atualizar a discussão sobre os conceitos tanto de literatura nacional como de literatura mundial. Com estas preocupações, escrevi o primeiro capítulo “1. Literatura a bordo de uma recepção transatlântica”, cuja discussão foi dividida em duas partes: 1) que se abre com a história, formação e o papel da editora e da cultura editorial da Suhrkamp no campo literário alemão da sua fundação até os anos 1960 e 2) que apresenta o interesse do campo editorial alemão, dos anos 1960 e até os 1970, e a tímida recepção da literatura produzida na América Latina na RFA, para em seguida expor os antecedentes da formação de uma redação e de um programa para a literatura latino-americana na editora Suhrkamp, nos quais a literatura brasileira encontra-se, no primeiro caso, esparsamente editada, e no segundo, mesmo que dentro de um programa sistemático, desetacada isoladamente. Este segundo ponto fica claro ao leitor ao longo dos capítulos seguintes,

34 Ambos em Müller e Miravet (2015).

35 Entre outros: Ernst Fischer, *Geschichte des deutschen Buchhandels im 19. und 20. Jahrhundert. Band 3, Drittes Reich* (2015); Pascal Pitz, *Luhmann und der Suhrkampstreit: die Kontroverse von Recht und Literatur vor dem Hintergrund der allgemeinen Systemtheorie* (2014); Rainer Gerlach, *Die Bedeutung des Suhrkamp-Verlags für das Werk von Peter Weiss* (2005); Reinhard Wittmann, *Geschichte des deutschen Buchhandels* (1999) e Werner Gotzmann, *Uwe Johnsons Testamente oder wie der Suhrkamp-Verlag Erbe wird* (1996).

cujas análises envolvem o cruzamento de dois campos literários distintos (basicamente: o brasileiro, como produtor, e o alemão, como receptor) em um país que se encontrava politicamente partido entre duas repúblicas (RFA e RDA). Em resumo, portanto, a intenção deste primeiro capítulo é introduzir ao leitor o contexto político, editorial e intelectual que antecede o processo de recepção da literatura brasileira pela Suhrkamp e apresentar esse processo como um movimento transatlântico, no entanto, insular, no qual seus propulsores criativos e literários são conscientes, já na partida, do seu porto de chegada, seus anfitriões encontravam-se, por sua vez, em um terreno mais ou menos propício à recepção, mas nos quais a negociação alfandegária encontra-se ainda velada, garantindo a manutenção de seus filtros receptivos até o presente.

Certamente, o título que abre este estudo é inspirado em um mapa, que como todo mapa, é imaginário, político e limitado. Ele diz tanto respeito à cobertura de uma área de produção de uma literatura específica, que do centro de onde parte o estudo, a Europa, pode ser considerada como periférica e que da periferia onde ela é produzida, a América Latina, pode ser considerada central. Seus contornos, menos que fronteiras são pântanos alfandegários envolvidos pela pertença à literatura latino-americana e praias de avanço com vista para o centro norte-americano e europeu. Com interesse investigativo em sua recepção, no entanto, o mapeamento da produção de uma literatura em português brasileiro não se baseia somente em uma imagem de isolamento geográfico, linguístico e cultural, ele procura, considerando o entorno da ilha como espaço de constante movimento e intercâmbio, desenhar uma ilha literária com dimensões continentais e uma produção variada e heterogênea de contornos próprios dentro do bloco nomeado de América Latina. Desde o estabelecimento da virada espacial e topográfica, por volta dos anos 1980, principalmente na Europa e nos EUA, um conjunto de estudos comparados passou a fazer mapeamentos e cruzamentos de campos intelectuais, acreditando estar se desfazendo de fronteiras nacionais. A imagem desta abstração chamada Brasil como uma ilha, não é nova e foi retomada faz pouco tempo, a partir de uma perspectiva transregional, no estudo de Heike Muranyi, *Brasilien als insularer Raum. Literarische Bewegungsfiguren im 19. und 20. Jahrhundert* (2013), fortemente inspirado pelo trabalho de Georg Wink, *Die Idee von Brasilien* (2009). A pesquisadora, interessada no motivo da ilha dentro do discurso sobre o Brasil produzido por intelectuais (literatos e historiadores) tanto brasileiros quanto europeus, parte de uma insularidade da cultura em sua relação e movimento e não em seu isolamento. Partilhando também da perspectiva analítica de Ottmar Ette, a ilha é para ela produtora aqui de espaços de movimento (“Bewegungsraum”), nos quais ocorrem processos transculturais. Respeitando as suas particularidades, o objeto em estudo, isto é, a recepção da literatura brasileira pela editora Suhrkamp, também se encaixa em um caso de ilha itinerante.

Antes do estudo de Muranyi, houve também estudos sobre o Brasil e a imagem de si mesmo como ilha. Estes estudos trataram do problema desde a produção do pensamento e imaginário sobre o país e sua cultura. Como exemplo, gostaria de mencionar *A invenção da Ilha: tópica literária e topologia imaginária na descoberta do Brasil* (1993), de Ettore Finazzi-Agrò, *O corpo da pátria* (1997) de Geraldo Cantarino, *Uma ilha chamada Brasil* (2004) e, por último, como já mencionado, *Die Idee von Brasilien* (2009), de Georg Wink. Todas as contribuições ocupam um lugar de base nos estudos sobre a construção espacial da cultura brasileira, a partir da qual parto, mas a qual não discuto ou mesmo reforço. A metáfora serve aqui como método de aproximação ao espaço ne-

gociado e concedido à literatura brasileira, em primeiro lugar, dentro do programa Suhrkamp para a América Latina e, por conseguinte, dentro de sua redação, o *Lateinamerika Lektorat*, e, em um segundo momento, dentro do campo intelectual alemão como um todo.

Uma vez exposto o movimento tradutório e translacional de textos, assim como suas complicações, por assim dizer, alfandegárias, a discussão entra então na análise propriamente dita do arquivo SUA. De grande interesse para o presente estudo é também demonstrar em que ponto e como inscrições de uma história editorial e reconstruções da história da intelectualidade podem estar relacionados, para que, com isso, possa se pensar em uma perspectiva da literatura brasileira fora do Brasil, isto é, do outro lado do Atlântico, ou mesmo em uma área de cruzamento ou uma *transarea*, ou seja, em que dimensão um ponto de vista transatlântico é influenciado por uma perspectiva dita brasileira e como ele mesmo pode alterar e deslocar a perspectiva sobre a literatura produzida dentro do Brasil. No segundo capítulo, chamado “Rastros de uma literatura dos trópicos”, começo descrevendo a organização do arquivo e sigo o que durante toda a investigação chamarei de rastros da recepção. Seguindo estes rastros, procuro apresentar e discutir, por meio de minha experiência de leitura no arquivo, os primeiros documentos referentes à literatura brasileira organizados separadamente. Além de materiais de análise, esses documentos também são os próprios materiais de edição para o volume de ensaios introdutórios à literatura brasileira, *Brasilianische Literatur*, publicado dentro da série de bolso denominada “edição suhrkamp. materiais”, em 1984. Justamente partindo destes documentos, busco levantar uma discussão entre material e manufatura, que me parece explorar o campo cultural também como campo econômico de negociação de produtos e bens, tanto materiais como simbólicos.

Neste primeiro momento de análise do acervo, faço portanto um levantamento e uma sistematização de todo documento sobre a literatura brasileira disponível no arquivo. O próprio conceito de documento, no entanto, constitui aqui um desafio, já que o que se procura é afastar-se de uma abordagem positivista da prática de pesquisa em arquivo, que o considera como algo único, global e completo e toda inscrição que ele preserva como uma parte óbvia ou transparente da verdade. Alternativa a esta perspectiva, minha experiência como pesquisador de arquivos mostrou-me ser mais eficiente e produtivo pensar o arquivo menos como espaço revelador de segredos ou fatos, senão de sinais, traços e inscrições dependentes de interpretação, isto é, que em arquivos eventos sociais são transformados em narrativas e essas narrativas, por sua vez, são coligidas por meio de uma organização arbitrária em uma cronologia histórica. Neste caso, arquivos não são mais áreas onde se procura a História, mas onde ela é problematizada, produzida e até contradita, como demonstrou Arlette Farge (1989), atendo-se não somente às narrativas reveladas na pesquisa de arquivo assim como em suas armadilhas e desvios. Além disso, arquivos não são fontes neutras de conhecimento. Foi preciso abordar o conhecimento disponível em um arquivo como um sistema de depoimentos, como verdades parciais e como interpretações culturais e históricas que sempre dependem de novas leituras e ressignificações, capazes inclusive de questionar a sua política e poder de conservação e organização, assim como a própria prática de arquivo.³⁶

36 Aqui me alinho a um conjunto de reflexões sobre prática de arquivo produzidos nas últimas décadas como os volumes de ensaios *Gewalt der Archive. Studien zur Kulturgeschichte der Wissensspeicherung*

Antes de abordar a análise da edição da literatura brasileira pela editora Suhrkamp, procurei reconstruir as relações sociais entre os pares envolvidos na difusão e intermediação da literatura dentro do programa latino-americano. Com este problema ocupei-me durante todo o terceiro capítulo, “Nos bastidores de um programa”. Iniciando pela discussão sobre os agentes envolvidos na criação do programa latino-americano em 1974, passando pelo estabelecimento de um conceito de unidade, e indo até o que considero ser a última geração de redatores, atuante até os anos 1990, apresento ao fim um perfil da formação intelectual e institucional e da atuação de cada um dos agentes, internos e externos à editora, envolvidos diretamente na mediação, avaliação e edição da literatura produzida no Brasil. Neste momento, entram em cena, portanto, os redatores, os tradutores, os agentes literários e o editor. Atenção especial foi dada ao tradutor Curt Meyer-Clason, devido à sua presença quase onnipresente na recepção da literatura brasileira neste período.

Qual o interesse na cultura e literatura brasileira, como ele se expressa e qual objetivo a editora persegue na publicação desses objetos, são pontos que se desdobram no desenvolvimento do capítulo quatro “A edição da literatura brasileira”. Com isso devem ser discutidos problemas referentes ao processo de exportação, recepção e acomodação de livros que, no traslado, muitas vezes voltaram à forma de manuscritos antes de reaparecerem novamente, em outro idioma e outro campo, como produto. O capítulo é parcialmente cronológico. Inicia com a primeira publicação de um livro brasileiro dentro do programa latino-americano, *Avalovara* (1976), de Osman Lins; segue pelos autores publicados de 1978 a 1982 sob o aspecto de literatura mágica e realismo urbano, como é o caso de *Der Oberst und der Werwolf* (1979), de Cândido de Carvalho, *Null* (1979), de Loyola Brandão e *Der Feuerwerker Zacharias* (1981), de Murilo Rubião; discute a predileção da editora pela edição de bolso e pela edition suhrkamp como plataforma para textos teóricos e ensaísticos ou então híbridos (Darcy Ribeiro) e para novos autores brasileiros (Fernando Gabeira, Antônio Torres, Dalton Trevisan); avança com uma análise de toda a recepção de literatura brasileira dentro da série canônica e de maior prestígio simbólico na editora, a Bibliothek Suhrkamp; e, após discutir a publicação de *Macunaima*, atém-se ao ano de 1982 como ano-chave para a mediação da literatura brasileira na editora.

Esse último capítulo se encerra com uma cronotopografia da edição de literatura brasileira pela editora Suhrkamp. Como espero ficar claro ao longo deste estudo, esta cronotopografia é uma tentativa de síntese da recepção, somente possível após uma detalhada passagem pelos documentos do arquivo da editora. Ela revela um movimento pendular entre a proximidade e a distância analítica das inscrições, questões e revelações que emergem de forma fragmentada no arquivo. Após seguir os rastros da recepção, pareceu-me necessário tomar uma distância do material de análise, no intuito de esboçar uma síntese de toda a edição da literatura brasileira pela Suhrkamp, ou, como diz Moretti, criar a partir de uma leitura à distância uma condição de conhecimento que permita focar unidades muito menores e muito maiores que o texto: dispositivos, temas, gêneros e sistemas (Moretti 2013, 48 s.). Através desta cronotopografia procuro apresentar brevemente o fechamento da moldura receptiva da literatura

tura brasileira entre 1960 e 1990 assim como discutir a metáfora da ilha mencionada anteriormente diante da recepção programática da editora Suhrkamp.

No intuito de demonstrar a hipótese central desta tese, a investigação se apoia em três grandes correntes teóricas: os estudos descritivos da tradução (*Descriptive Translation Studies*), a estética da recepção e os estudos da assim chamada *histoire croisée*. Ao se considerar que a presente investigação lida com obras literárias traduzidas do português, é preciso salientar que o foco da pesquisa não deve recair sobre a comparação das traduções com os originais. Em vez de um estudo orientado pelo produto, o que se procura como resultado é um estudo orientado pelo sistema: uma análise do efeito e do significado do produto traduzido no campo literário alemão. Essas traduções devem ser consideradas no sistema literário alemão como textos livres de seus originais (como se não tivessem um original) e produzidas por razão de uma demanda inerente ao próprio sistema. Ao pôr em questão o sistema literário alemão e seus subsistemas, verifica-se também se as traduções, encontradas inicialmente em uma posição periférica, não tomam por vezes uma posição central e se chegam a concorrer com obras habitualmente ali estabelecidas ou se apenas são reguladas por elas. Nesse caso, é possível encontrar os elementos necessários para medir ou avaliar a recepção de tais textos dentro do sistema literário alemão. É preciso salientar também que quando se fala em campo literário, refere-se aqui à teoria de campo cultural de Pierre Bourdieu sobre a estrutura e o funcionamento do campo literário (1992). A discussão sobre sistemas se inspira em parte na teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohars (1979/1990), que se vale da representação, oriunda do formalismo russo do início do século 20, da literatura como um sistema dinâmico, cujo potencial para alterar-se consiste em relações e conflitos entre seus diversos níveis e que exerce uma forte influência sobre os estudos descritivos.

Em relação ao processo de recepção desses textos, parte-se do princípio de que ele envolve um horizonte de expectativa, ou seja, supõe-se que uma editora determina sua escolha, difusão e produção por meio desse horizonte, pensado aqui pela instância do leitor. Vale, no entanto, considerar que na recepção de textos traduzidos, a fronteira entre instâncias como leitor, tradutor e autor muitas vezes se dissolvem e se confundem. Pois menos do que o leitor concreto, é o mediador, em muitos casos, o tradutor, o primeiro e mais cuidadoso leitor dessa obra em sua língua de saída, como também seu agente autoral, já que ele não reproduz o texto puramente na língua de chegada, mas sim direciona ou compõe um texto novamente em um outro campo cultural e linguístico. Como o tradutor Berthold Zilly (2000) discute, enquanto leitor o tradutor é o leitor ideal, que se aproxima conceitualmente do leitor implícito ou a estrutura de apelo do texto pensados por Wolfgang Iser (1972). É o tradutor, diz Zilly, quem mais segue os rastros na estrutura do texto e que assim vai se tornando o leitor ideal para o qual o texto se dirige. Diante deste aspecto, vale lembrar ainda que o próprio termo “recepção” permanece envolvido por uma bruma polissêmica que no presente estudo não se resolve somente com a proposição de Jauss e Iser, concentrados em um produto terminado, o livro, e para a qual a instância *leitor* é considerada dentro de um espaço nacional linguisticamente homogêneo. Baseada em uma pesquisa de arquivo, a recepção aqui é considerada em todo o seu processo de mediação e produção interna muito antes de chegar ao mercado, ou seja, às mãos do leitor concreto, supostamente consumidor de produtos literários, e, portanto, ao objeto livro.

No campo dos estudos da *histoire croisée*, interessou-me em primeira linha realizar uma pesquisa que possa lidar com os problemas e objetos aqui apresentados sem cair nos impasses dos estudos comparados e de transferência, mas também sem deixar de observar as contribuições dessas duas perspectivas. A recepção da literatura brasileira nos territórios de língua alemã deve ser entendida aqui como uma relação intra-cultural dinâmica. Para isso é empregado o princípio de pesquisas em transferência cultural, nas quais relações culturais não são mais interpretadas segundo o modelo de desníveis culturais do lado da emissão, mas nas quais a lógica da recepção é colocada em primeiro plano: mecanismos de escolha e estratégias de apropriação, que na importação e na ressignificação de uma literatura estrangeira assumem papel decisivo. Neste ponto, um estudo de transferência pode melhor analisar alterações, processos de aculturação e apropriação de uma literatura estrangeira no campo cultural de língua alemã, pois ele se concentra em interações e no modo como essas interações alteram unidades historicamente construídas. Por exemplo, como objetos materiais e imateriais em transferência podem alterar a cultura de recepção, nesse caso, o próprio campo literário alemão.

No entanto, quando se procura discutir conceitos como literatura mundial (*Weltliteratur*) e literaturas do mundo (*Literaturen der Welt*) ou escrever uma história transnacional da literatura brasileira, os estudos da transferência apresentam suas limitações, já que eles não podem escapar de referências nacionais que restringem sua abordagem. A pesquisa de transferência produz sem a menor dúvida uma abordagem da recepção da cultura, na qual explicita contribuições estrangeiras e contribui para historicizar o conceito de cultura – ou, nesse caso, a literatura nacional. Mas quando se trata da reciprocidade e reversibilidade dessas relações culturais, os estudos de entrelaçamento oferecem caminhos que superam processos lineares simples de uma cultura ou literatura a outra, ao se seguir a lógica da introdução, difusão ou recepção. Analisar a produção, difusão e a história da literatura brasileira no território de língua alemã e cruzar com a produção, difusão e a história dessa literatura no Brasil exige, em certa medida, uma expansão transnacional desta história. Cruzar, sobre cruzar, entre cruzar mutuamente, entrelaçar e entretecer é o que se tem em mente quando se fala dos estudos de cruzamento. E desse procedimento surge uma intersecção, onde, em princípio, se encontra a assim chamada *histoire croisée* (Werner e Zimmermann 2002).

Quando se parte do princípio de intersecção, a lógica de unidades individuais sem referente externo da abordagem comparatista e de transferência torna-se obsoleta. Ele é capaz de ir além de uma perspectiva unidimensional, homogeneizadora e simplificada em proveito de uma perspectiva multidimensional que possa reconhecer a pluralidade e as configurações complexas que dela resultam. Para o presente estudo, como em uma pesquisa de cruzamento, não se pode desconsiderar que algo sempre acontece no momento do cruzamento. Nesse sentido, o foco da pesquisa recaiu (também praticamente) sobre cruzamentos e sobre suas consequências. O que significa que os objetos, pessoas e práticas em cruzamento afetados por ele não permanecem intactos ou idênticos a si mesmos. Suas alterações não seguem apenas as consequências de relações ativas, mas também consequências de relações indiretas, pois essas relações são baseadas na reciprocidade (ambos os elementos na análise – o campo brasileiro e o alemão – são afetados pela relação) e na assimetria (os elementos não são afetados do mesmo modo). Em resumo, ao final dos quatro capítulos acima descritos procuro ter oferecido ao leitor tanto algo novo e desconhecido, que o cruzamento possa gerar,

quanto tê-los, o leitor e o achado, deslocado pelo modo como o cruzamento influencia e afeta seus próprios componentes.

Finalmente, o que também se propõe com a presente tese é a observação de configurações ativas e dissimétricas na relação entre duas culturas diferentes. Para tanto, é necessário mais do que uma abordagem analítica que fixe categorias e objetos da pesquisa. Deve-se valer de um modelo que possa, pelo contrário, articular suas categorias e objetos, colocando-os em movimento. Espera-se, por fim, que juntamente com as contribuições metodológicas já testadas dos estudos comparatistas e de transferência seja possível abranger suficientemente a complexidade grande e heterogênea de uma relação em constante alteração e movimento e que o resultado deste trabalho sirva para os estudos da recepção e de circulação da literatura brasileira futuros fora dos seus limites nacionais.

Observação sobre transcrição das cartas, notas e demais documentos

A transcrição dos documentos escolhidos, lidos e analisados ao longo da pesquisa foi regida por princípios que facilitassem a leitura, as tornassem inteligíveis e ao mesmo tempo assegurassem a fidelidade aos originais. O pesquisador esteve em contato direto com documentos em português, espanhol, francês, inglês e alemão, quase todos escritos à máquina, mas muitas vezes marcados por comentários à mão. Os autores destas cartas escreviam em pelo menos três idiomas. Muitas vezes, devido à pressa ou devido à falta de domínio da norma escrita na língua estrangeira, ocorrem erros gramaticais e tipográficos que tratei de amenizar, quando comprometem o sentido do texto. Optei, portanto, pela correção de todos e quaisquer erros tipográficos. No caso de trechos inteligíveis, comentários e marcações minhas serão marcadas entre colchetes. Casos especiais são as cartas de Curt Meyer-Clason em português e a tipografia em minúsculas de Hans Magnus Enzensberger. Meyer-Clason escreve com os autores brasileiros em uma variante entre o português europeu e o brasileiro e Enzensberger escreve quase todas as suas cartas somente usando minúsculas. A pontuação segue sempre que possível a grafia do original. Vale salientar também que alguns documentos, principalmente pareceres, em alguns casos não são assinados ou mesmo datados, restando ao pesquisador a tarefa de deduzir, através da catalogação e organização do arquivo, uma data aproximada de sua escrita.